

INFORMATIVO CONJUNTURAL

Nº 53 – Agosto de 2009



SECRETARIA DE
ESTADO DE AGRICULTURA,
PECUÁRIA E
ABASTECIMENTO



**SECRETARIA DE ESTADO DE AGRICULTURA, PECUÁRIA
E ABASTECIMENTO - SEAPA/MG**

Secretário de Estado
Gilman Viana Rodrigues

Secretário Adjunto
Paulo Afonso Romano

Superintendente de Economia Agrícola
João Ricardo Albanez

Centro de Análises e Estudos Estratégicos
Eliza Alves Vieira

**EMPRESA DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA E EXTENSÃO RURAL
DO ESTADO DE MINAS GERAIS - EMATER/MG**

Presidente
José Silva Soares

Diretor Técnico
José Ricardo Ramos Roseno

Editoração e Coordenação do Informativo
José Fernando N. Domingues

e-mail: ciagro@emater.mg.gov.br

Tel: (31) 3349 8087 - (31)3349 8182

ÍNDICE

COMENTÁRIO ECONÔMICO
PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO
BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

ANÁLISE DE SAFRAS
ALGODÃO
CAFÉ
FEIJÃO
MILHO
SOJA
TOMATE

BOI GORDO
FRANGO E OVOS
SUINO
LEITE
PEIXE

PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES
PREÇOS MÉDIOS RECEBIDOS NA CEASAMINAS

COMENTÁRIO ECONÔMICO

Everton Augusto P. Ferreira
E-mail: everton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8061 Belo Horizonte/MG

Nas últimas semanas veio à tona, no cenário econômico nacional, a preocupação de alguns analistas quanto ao equilíbrio fiscal brasileiro nos próximos anos.

O economista Alexandre Schwartzman, ex-Diretor do Banco Central, em artigo no caderno Dinheiro da Folha de São Paulo de 05 de agosto de 2009, diz que o mercado financeiro brasileiro trabalha com taxas de juros de longo prazo, com tendência de alta. Resumindo, isso significa que há uma crença que a política monetária nos próximos dois anos terá de ser mais restritiva, refletindo em taxas de juros mais altas. Com isso, o cenário de juros abaixo do patamar de 10% a.a. na Selic pode ser revertido nos próximos anos. A causa disso é bem mais pragmática do que aparenta a política fiscal.

Muito tem se falado que a política fiscal brasileira vem sendo anticíclica, ou seja, busca minimizar os efeitos da crise financeira internacional via injeção de recursos na economia. Com mais gastos públicos, há maior consumo, maior produção e mais empregos. Ocorre também que em economia não existe “almoço grátis” e essa conta será paga no futuro próximo. Esse pagamento se fará em termos de aumento de arrecadação ou da dívida pública, ou até de ambos, mas o certo é que haverá necessidade de maiores receitas.

A questão é que, no Brasil, esse aumento do gasto público ocorre num cenário com três complicadores:

- gastos governamentais já elevados e ascendentes, principalmente quanto a gastos correntes e com pessoal;
- com sacrifício tributário da sociedade, também elevado;
- e poucos investimentos em infra-estrutura contando, inclusive, com renúncia fiscal.

Se os gastos se concentrassem em ativos que permitissem o crescimento no médio e longo prazo - como estradas, pontes, portos, etc., os gastos de hoje resultariam em maior dinamismo da economia e impostos no futuro. Contudo, sobre uma base já “cheia”, estão sendo gastos recursos que elevam o consumo no curto prazo, mas, não há um compromisso de crescimento de receitas no futuro, ao contrário, há risco de indexação de despesas. Soma-se a isso o fato de grande parte desses gastos terem um alto custo político ao serem cortados no futuro, gerando insegurança quanto à qualidade da política fiscal.

Segundo alguns analistas, quando a “tempestade” da crise passar, a conta de gastos públicos cairá na cabeça das autoridades monetárias e os juros primários (Selic) refletirão esse cenário. O mercado financeiro já percebeu essa equação e, não por outro motivo, os juros, no futuro, refletirão isso.

Em seu turno, o governo continua repetindo seu discurso de política anticíclica, e que os gastos públicos para combater a crise foram de apenas 0,2% do PIB, enquanto a China utilizou um pacote de 13% de seu PIB e os EUA 5,6%. Resta saber se, acima da quantidade dos recursos utilizados, as autoridades econômicas garantem que no “ciclo positivo” essas políticas serão repensadas e qual será a política fiscal “cíclica” quando o PIB aumentar.

PRODUTO INTERNO BRUTO DO AGRONEGÓCIO MINEIRO

Superintendência de Política e Economia Agrícola
E-mail: spea@agricultura.mg.gov.br
Tel.: (31) 3215-6546 - Belo Horizonte/MG

O Produto Interno Bruto (PIB) do agronegócio mineiro, estimado pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (CEPEA/ESALQ/USP), com o apoio da Secretaria de Estado da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – SEAPA/MG – e da Federação da Agricultura e Pecuária de Minas Gerais – FAEMG -, apresentou recuo de 0,88% no mês de maio e ampliou para -3,65% a taxa acumulada neste ano.

Entre os segmentos que compõem o agronegócio, apenas a indústria processadora de produtos

agrícolas apresentou taxas positivas de crescimento tanto no mês (0,45%), quanto nos cinco primeiros meses do ano (2,77%). Ver figuras 1 e 2 e tabela 1.

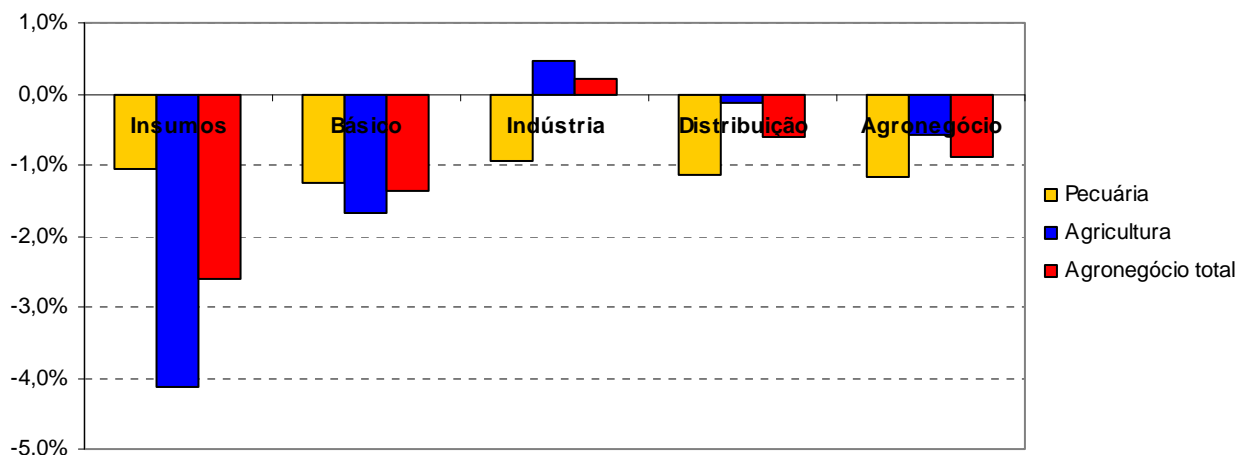


Figura 1 - Taxas de crescimento em maio de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

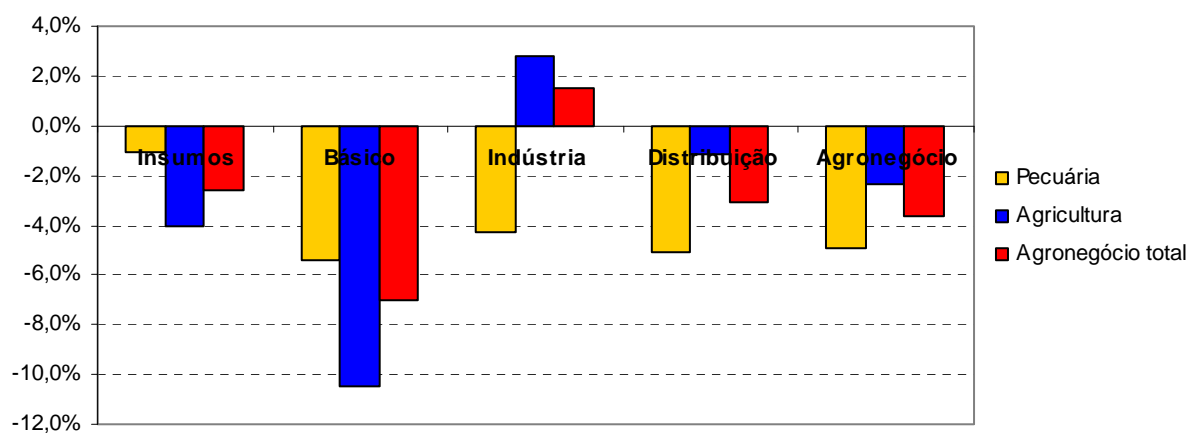


Figura 2 - Taxas de crescimento acumuladas de janeiro a maio de 2009 (%)

Fonte: Cepea-USP / FAEMG / SEAPA

Tabela 1 – Taxas de crescimento mensais e acumuladas no ano do PIB do agronegócio de Minas Gerais em 2009/2008 (%)

	AGRONEGÓCIO				
	Insumos	Básico	Indústria	Distribuição	Agronegócio Total
Janeiro/08	3,90	1,84	-0,24	0,87	1,18
Fevereiro/08	4,00	2,50	0,33	1,47	1,77
Março/08	2,56	1,93	0,11	1,08	1,29
Abril/08	3,78	3,04	-0,32	1,47	1,84
Mai/08	4,99	2,88	0,00	1,50	1,96
Janeiro/09	0,39	-1,59	0,46	-0,64	-0,71
Fevereiro/09	0,22	-1,28	0,66	-0,39	-0,47
Março/09	0,84	-1,64	0,11	-0,78	-0,80
Abril/09	-1,38	-1,37	0,06	-0,67	-0,84
Mai/09	-2,60	-1,37	0,21	-0,62	-0,88
Acum. no ano (2008)	20,75	12,79	-0,11	6,55	8,30
Acum. no ano (2009)	-2,56	-7,04	1,51	-3,06	-3,65

A análise dos segmentos que formam o PIB revela que o agronegócio da **agricultura** retraiu 0,58% no mês de maio. Contribuíram para esta baixa performance a queda acentuada do

segmento de insumos (- 4,14%), em decorrência, provavelmente, da queda da demanda que refletiu na diminuição das vendas e nos preços dos fertilizantes, e as retrações dos segmentos básico (-1,67) e distribuição (- 0,12). A indústria, como afirmado acima, apresentou naquele mês taxa positiva de 0,45%, pequena recuperação em comparação com o mês de abril cuja taxa foi de 0,22%. Dessa forma, no período janeiro/maio deste ano, o agronegócio da **agricultura** recuou 2,36%, sendo que o segmento básico apresentou retração de 10,50%, e os segmentos de insumos e distribuição recuaram, respectivamente, 4,04% e 1,13%. Há que se destacar que no mês de maio verificou-se queda quase generalizada dos preços das principais lavouras, sendo que as maiores perdas de faturamento neste ano ocorreram em: carvão vegetal, algodão, feijão e milho.

No agronegócio da **pecuária**, os números de maio foram piores que aqueles observados em abril. Com taxa negativa de 1,18% apresentada no mês de maio contra -0,93% em abril, o conjunto acumulou desempenho negativo de 4,92% no período considerado. Todos os segmentos que formam o PIB da **pecuária** tiveram comportamento negativo naquele mês, sendo que a maior retração ocorreu nas atividades “dentro da porteira” que apresentaram recuo de 1,24% no mês e retração acumulada de 5,45% no ano. Em seqüência aparece o segmento de distribuição (- 1,15% no mês) e decréscimo acumulado de 5,09%. O segmento de insumos recuou 1,05% em maio e acumula no ano taxa negativa de 1,07%. A indústria de base animal ainda sob os efeitos perversos da crise global recuou no período janeiro/maio 4,24% e retraiu 0,95% em maio. Na comparação da média observada neste ano com igual período de 2008, verifica-se que os preços de suínos e leite sofreram forte queda, em bovinos a queda foi menor. No período analisado, apenas a atividade de produção de aves apresentou elevação de faturamento em função dos preços.

Face ao exposto, o CEPEA/ESALQ calculou que o agronegócio mineiro encerrou o mês de maio com um PIB estimado para 2009 em R\$ 90,4 bilhões (a preços de 2009), sendo que o agronegócio da agricultura contribuirá com R\$ 45,6 bilhões ou 50,5% e o da pecuária responderá por R\$ 44,8 bilhões equivalentes a 49,5% do total.

Finalizando, vale lembrar que para o produtor rural em especial, cujo PIB retraiu 7,04% nos primeiros cinco meses deste ano, observa-se um forte contraste em relação a 2008, ano em que o segmento “dentro da porteira” havia crescido cerca de 13,0% até o mês de maio.

Neste ano, há uma queda generalizada de preços em comparação aos de 2008. Café , milho, feijão, mandioca, laranja e algodão tiveram recuos significativos de faturamento. No segmento da pecuária, salienta-se a forte queda do preço do leite, com retração também da produção, que levou a uma queda de 26,0% no faturamento. Em seguida, vêm os suínos com perda de 18,0% em relação ao ano passado.

A agroindústria vem se mantendo no mesmo nível de 2008, entretanto, observa-se que há forte desequilíbrio dentro do setor, visto que existe um expressivo crescimento da indústria do açúcar, deixando os demais ramos industriais muito para trás.

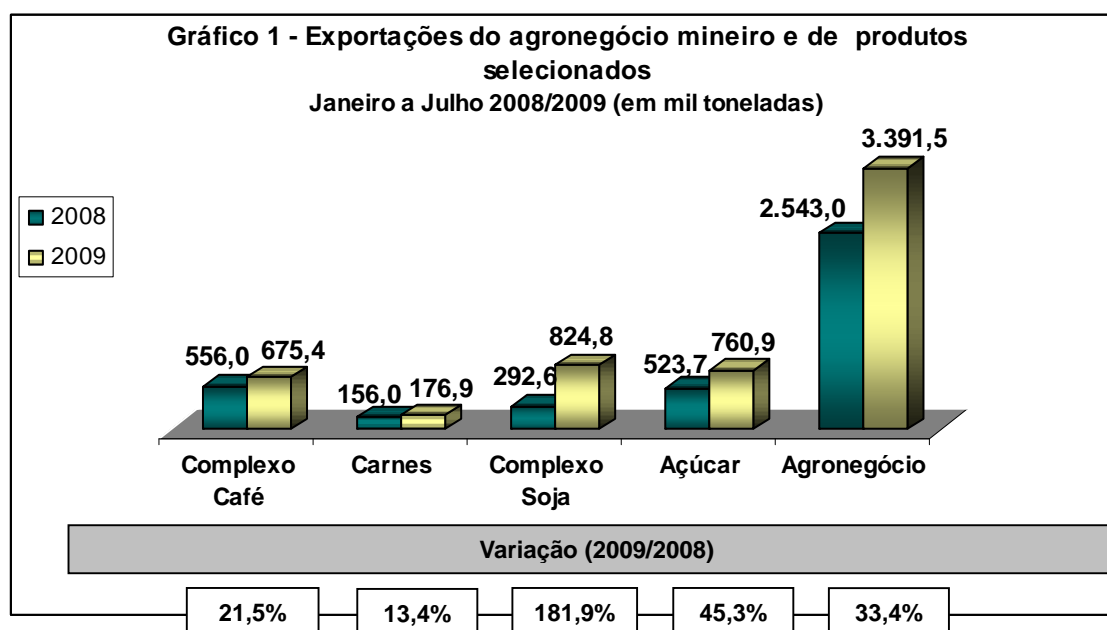
Quanto aos insumos, enquanto os combustíveis seguem com altas de preços e volume, os fertilizantes cederam pouco em preços, mas recuaram 10,0% em volume relativamente a 2008. Aliás, esse comportamento não poderia ser diferente se considerarmos as perdas do produtor rural entre os anos 2008 e 2009.

BALANÇA COMERCIAL DO AGRONEGÓCIO

Márcia Aparecida de Paiva Silva
E-mail: marcia.silva@agricultura.mg.gov.br
Tel.: (31) 3215-6548 - Belo Horizonte/MG

Destaques nas Exportações

Nos primeiros sete meses de 2009 foi verificado crescimento na quantidade exportada de produtos do agronegócio brasileiro, que correspondeu a 13,0%, em relação aos primeiros sete meses de 2009. Minas Gerais apresentou crescimento ainda mais expressivo, uma vez que as exportações passaram de 2.543,0 mil toneladas, de janeiro a julho de 2008, para 3.391,5 mil toneladas no mesmo período de 2009, perfazendo um crescimento de 33,4%, conforme apresentado no Gráfico 1.



Fonte: Elaboração SEAPA/SPEA, a partir de dados do MDIC/Secex.

O crescimento no volume exportado pelo setor mineiro é decorrente do aumento da quantidade exportada pelos principais grupos de produtos da pauta de exportação de Minas Gerais, tais como o complexo café, carnes, complexo soja e o açúcar. O crescimento registrado para estes grupos e produto descritos foi de 21,5%, 13,4%, 181,9% e 45,3%, respectivamente (Gráfico 1).

Deste grupo, o complexo café, complexo soja e o açúcar apresentaram crescimento no valor das exportações de 0,2%, 123,1% e 68,5%, respectivamente. Considerando o período de janeiro a julho de 2009, as receitas das exportações destes produtos foram de US\$ 1.521,03 milhões, US\$ 347,33 milhões e US\$ 239,43 milhões. Observa-se, assim, que apenas o açúcar apresentou crescimento no preço médio (16,0%), dado que, para este produto, o crescimento na receita das exportações (68,5%) foi mais expressivo que o aumento na quantidade (45,3%).

Especificamente, produtos como: farelo de soja e carne suína apresentaram crescimento na receita das exportações mais expressivo que o crescimento nas quantidades exportadas. Para farelo de soja, o valor das exportações passou de US\$ 21,36 milhões para US\$ 77,44 milhões, perfazendo um crescimento de 262,5%. No caso da carne suína, o crescimento registrado foi de 66,9%, passando de US\$ 36,81 milhões, nos primeiros sete meses de 2008, para US\$ 61,44 milhões, em 2009.

Em relação ao valor das exportações, foi verificado crescimento da participação do agronegócio nas exportações totais. Nos primeiros sete meses de 2009, a participação dos produtos do agronegócio nas exportações totais de Minas foi de 28,1%, aumento de 21,1% ante a parcela de

23,2% registrada no mesmo período de 2008.

No geral, verifica-se que as transações do agronegócio mineiro com o exterior continuam ascendentes, mas a remuneração do setor não pode ser vista de forma tão otimista, visto que para a maioria dos produtos a receita não cresceu ao passo do crescimento do volume exportado.

Cenário das Importações

Nos primeiros sete meses de 2009, as importações do agronegócio apresentaram redução de 18,6%, passando de US\$ 169,90 milhões para US\$ 138,32 milhões, no mesmo período em 2008. Tal queda pode ser justificada pelo decréscimo na importação de trigo, principal produto do agronegócio importado pelo Estado que passou de US\$ 46,65 milhões, de janeiro a julho 2008, para US\$ 33,15 milhões, em 2009. O aumento da produção mineira de trigo vem sendo uma alternativa à importação deste produto para o abastecimento do Estado.

Balança Comercial do Agronegócio Mineiro

O saldo comercial do agronegócio mineiro de janeiro a julho de 2009 foi de US\$ 2.838,61 milhões, que representa um decréscimo de 2,2% ante os US\$ 2.900,90 milhões registrados nos primeiros sete meses de 2008. A redução no valor das exportações que passou de US\$ 3.070,80, em 2008, para US\$ 2.976,93, nos primeiros sete meses de 2009, contribuiu para a redução do saldo da balança comercial do agronegócio de Minas.

ANÁLISE SAFRAS

José Fernando N. Domingues
E-mail: ciagro@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8129 - Belo Horizonte/MG

ESTIMATIVA DE ÁREA E PRODUÇÃO DA SAFRA BRASILEIRA 2008/2009

A Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) divulgou no início de agosto, o décimo primeiro levantamento da safra brasileira de 2008/2009. Pelos dados apresentados a área plantada no País totalizou 47,7 milhões de hectares, 0,5%, ou 249,5 mil hectares superior a área cultivada no ano anterior com as culturas de algodão, amendoim, arroz, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, aveia, centeio, cevada, trigo e triticale. Essa área é a terceira maior já cultivada no País.

Segundo o relato da Conab, as culturas de arroz, feijão, soja e trigo apresentaram crescimento na área, destacando-se a de trigo, com aumento de 571,5 mil hectares, seguida da soja, com incremento de 416,1 mil hectares, do feijão, com plantio superior em 186,4 mil hectares e a de arroz, com 33,9 mil hectares acima da área plantada em 2007/08. As demais culturas apresentaram redução de área, sendo a cultura do milho de 1ª e 2ª safra a que mais perdeu (639,7 mil hectares). Em seguida aparece a cultura do algodão, com uma redução de área de 235,1 mil hectares.

Sobre a estimativa de produção brasileira, os dados da Conab mostram uma área de 134,5 milhões de toneladas, 6,7% ou 9,6 milhões inferior ao volume de 144,1 milhões produzido em 2007/08.

Apesar do crescimento de 0,5% na área plantada, as condições climáticas adversas, sobretudo no Paraná, Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul, constituiu-se no principal fator responsável pela redução da produtividade das lavouras e, conseqüentemente, da produção.

A redução mais forte aconteceu com as lavouras de milho 1ª e 2ª safras e da soja. Também contribuiu para o quadro de redução da produção, a quebra na produção de algodão devido ao recuo na área de plantio.

Comparativo de área e produção de grãos

Local	Área (mil ha)		Var. %	Produção (mil t)		Var. %
	2007/08	2008/09		2007/08	2008/09	
Minas Gerais	2.830,9	2.795,7	-1,2	10.220,2	10.199,6	-0,2
Região Sudeste	4.824,0	4.778,6	-0,9	17.434,3	16.839,0	-3,4
Brasil (*)	47.411,2	47.660,7	0,5	144.137,3	134.489,5	-6,7

Fonte Conab - Levantamento: Ago/2009 - Elaboração Ciagro/Asmec/Emater-MG

(*) Produtos selecionados: Carço de algodão, amendoim (1ª e 2ª safras), arroz, aveia, centeio, cevada, feijão (1ª, 2ª e 3ª safras), girassol, mamona, milho (1ª e 2ª safras), soja, sorgo, trigo e tritcale.

AVALIAÇÃO DAS CULTURAS

Para o **algodão em pluma**, configurando-se as atuais estimativas, a produção será em torno de 25% menor que a obtida na safra passada, passando de 1,6 milhão de toneladas para cerca de 1,2 milhão de toneladas.

Para o **arroz**, a produção nacional deve chegar a 12,6 milhões de toneladas representando um aumento de 4,7% ante a produção da safra 2007/2008. A colheita da safra está encerrada e a boa produtividade se deve principalmente às boas condições de clima.

Os dados da Conab confirmam uma área de 1,44 milhão de hectares e uma produção de 1,36 milhão de toneladas para o **feijão de 1ª safra**, um crescimento de 9,6% e 9,3% em relação ao obtido no ano passado. Já para o **feijão de 2ª safra**, os dados da colheita, encerrada em julho, conferem uma área de 1.974,5 mil hectares, aumento de 5,8%, e a produção de 1.367,2 mil toneladas, menos 5,4% em relação à safra 2007/2008. Para o **feijão de 3ª safra**, que se encontra na fase de plantio, a expectativa é de uma redução de área em todas as regiões produtoras, com destaque para Minas Gerais onde a previsão é de quebra em torno de 20%, e São Paulo, onde é esperada uma redução de 17% na área. O motivo para a diminuição de área deve-se aos preços praticados no mercado no primeiro semestre. Isso desestimulou os produtores para o plantio de inverno.

A área de plantio de **milho de 1ª safra** ficou 4,2% menor que a cultivada na safra passada passando de 9,6 milhões de hectares em 2007/2008 para 9,2 milhões de hectares na atual safra. No que se refere à produção, a estimativa é de uma produção de 33,6 milhões de toneladas, uma redução de 15,8% ou 6,4 milhões de toneladas em relação à safra do ano passado. Quanto ao **milho safrinha ou de 2ª safra**, a estimativa é de uma redução de 4,5%. Considerando a primeira e segunda safra, o milho deve atingir 50,3 milhões de toneladas, um recuo de 14,3% ou 8,4 milhões de toneladas ante a produção obtida em 2007/2008.

A área de cultivo da **soja**, no País, na safra 2008/2009, foi de 21,7 milhões de toneladas, 2,0% superior à plantada na safra anterior. Vale destacar a participação de Minas Gerais que teve um acréscimo de 44,4 mil hectares no plantio soja. A produção nacional totaliza 57,1 milhões de toneladas, 4,8% inferior à obtida na safra 2007/2008, quando foram colhidas 60 milhões de toneladas.

A produção de **trigo** para a safra que está sendo implantada poderá chegar a 5,9 milhões de toneladas, uma ligeira que de 2,7% em relação à safra passada. O cenário atual, sob o ponto de vista climático, é bastante animador para os agricultores que acreditaram no trigo como alternativa de cultivo de inverno.

MG. - Área e Produção – Safra 2008/2009

Cultura	Área (Mil ha)	Produção (Mil t)
Algodão (caroço)	14,9	55,0
Algodão (Pluma)	14,9	21,2
Amendoim 1ª safra	3,7	10,8
Arroz	57,4	127,3
Feijão 1ª safra	204,6	249,2
Feijão 2ª safra	156,2	210,6
Feijão 3ª safra	50,2	117,5
Mamona	8,0	10,0
Milho 1ª safra	1.254,1	6.300,6
Milho 2ª safra	27,4	139,0
Soja	914,8	2.673,7
Sorgo	84,5	231,5
Trigo	20,3	95,6

Fonte: Conab – Levantamento Ago/2009
– Elaboração: Ciagro/Asmec/Emater-MG

Fonte: Conab. Acompanhamento da Safra Brasileira. Décimo primeiro levantamento. Ago/2009

ALGODÃO

Reinaldo Nunes de Oliveira
E-mail: reinaldo.oliveira@emater.mg.gov.br
Tel.: (38) 3223-2130 - Montes Claros/MG

PANORAMA

A cotação do preço do algodão, nos últimos dias, tem passado por oscilações, principalmente na Bolsa de Mercadorias de Nova York, que regula o preço do produto no mundo. No dia 31/07/2009 a Bolsa encerrou suas operações com os preços em baixa, reabrindo no dia 03/08/09 (segunda-feira) com preços ligeiramente em alta reagindo às especulações dos atrativos de outras commodities, como a soja e o milho. Tal reação está atrelada ao comportamento dos principais importadores de algodão que resolveram aumentar as compras, principalmente a China, principal comprador do Brasil que elevou sua cota de importação de 2,9 mil toneladas para 21 mil toneladas, provocando com isso, um incremento de sete vezes o volume de compra, garantindo sobrevida aos produtores brasileiros.

Apesar das boas perspectivas, mesmo que pontuais, os relatórios de estimativas de safras apontam para uma redução de 5,5% da área a ser plantada na safra 2009/2010 passando dos 849.864 hectares para aproximadamente 802.800 hectares (Safras & Mercado). A redução de área deverá ser generalizada em todo país, sendo que o Estado de Minas Gerais lidera na pesquisa com o maior percentual de retração de área plantada, com 13,3%, seguido pelos estados do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul com 7% cada e Bahia, segundo maior produtor, com 2,9%.

Quanto aos preços pagos, no mercado interno do algodão em caroço, oscilação vai de R\$ 13,50 a arroba, em Araçatuba (SP), a R\$ 14,50 a arroba em Rondonópolis (MT). Para o produto em pluma o preço varia de R\$ 38,36 a R\$ 36,05 nas mesmas praças. Em Minas Gerais a cotação do algodão em caroço é de R\$14,00 a arroba e R\$ 38,03 a arroba para algodão em pluma, em Uberlândia.

TENDÊNCIA

Apesar da oscilação de preços, tanto no mercado interno quanto externo, alguns especialistas asseguram que o preço do algodão está no limite mínimo de sua capacidade econômica de

resistência, não suportando mais quedas e que a tendência é de recuperação. O sentimento dos cotonicultores é de confiança visto que, para eles, “o mercado chegou ao fundo do poço” e com a diminuição dos efeitos da crise econômica mundial, o momento é de recuperação dos espaços perdidos no mercado competitivo.

CAFÉ

Marcelo de Pádua Felipe
E-mail: mpfelipe@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349- 8149 - Belo Horizonte/MG

COTAÇÕES

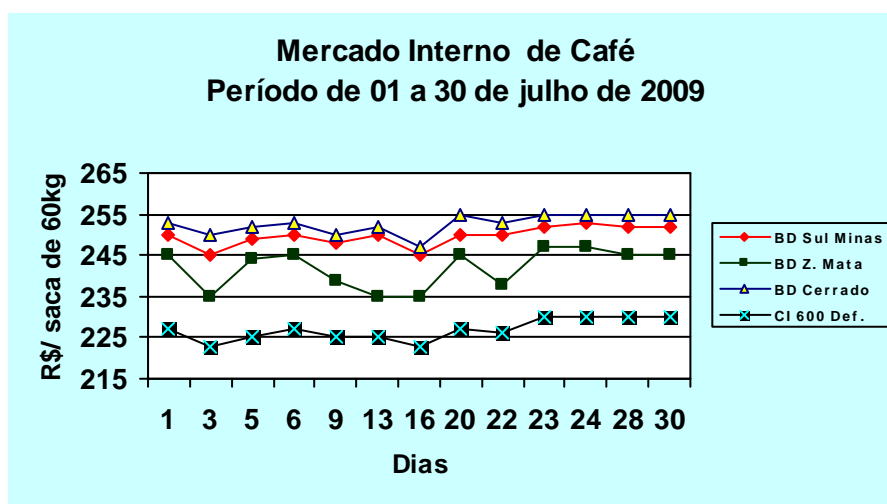
TEMPORADA 2009/10 INICIA COM O MERCADO PRESSIONADO.

Embora o mercado físico interno de café tenha-se recuperado na reta final do período, a desvalorização ocorrida durante a primeira parte do mês acabou comprometendo o desempenho em julho.

O excesso de umidade acabou prejudicando os trabalhos de colheita e a qualidade da bebida já começa apresentar problemas. A situação é mais grave na Zona da Mata mineira e no Sul de Minas devido ao aumento da oferta de café estourando xícara.

A expectativa da ponta vendedora é de elevação do volume de café com bebida mais fraca a partir da segunda quinzena do mês de agosto e da ponta compradora, principalmente a externa é de ser mais agressiva na oferta por melhores bebidas.

O preço da bica dura de café arábica tipo 6,0 com bom aspecto e catação trocou de mãos oscilando entre R\$ 245,00 e R\$ 252,00 a saca de 60 kg no Sul de Minas, fechando o período em R\$ 252,00.



Preços médios para cafés com bom aspecto e com catação de 10% a 20%, por saca de 60 kg.

Fonte: Safras & Mercado, CCVV, Carvalhaes e Cooperativas de Cafeicultores.

Elaboração: Emater-MG

Tendência: Maior demanda e ágio pelos cafés arábicas de boa qualidade “cerejas descascados da nova safra” devido ao maior interesse do mercado internacional em usá-los em substituição aos cafés da América Central e Colombianos.

COLHEITA DA SAFRA MINEIRA 2009/2010

Embora a colheita do café arábica tenha ganhado ritmo em todas as regiões produtoras de Minas Gerais, ela foi prejudicada pela incidência de chuvas e os seus efeitos já são sentidos na qualidade da bebida, dos lotes, que estão sendo ofertados ao mercado. As atividades de campo da nova safra estão mais adiantadas na Zona da Mata Mineira onde 74% da produção já foram

colhidas.

**BRASIL: Evolução da colheita de café – 2009/2010,
em milhões de sacas de 60kg**

Estado	Produção*	Colhido	22 jul. (%)	15 jul. %	2008 %
Minas Gerais	20,20	11,10	55	48	45
-Sul/Oeste	10,50	4,85	46	40	39
-Cerrado	3,80	1,90	50	41	44
-Zona da Mata	5,90	4,35	74	68	58
Espírito Santo	11,60	10,40	90	84	89
-arábica	2,40	1,30	54	44	50
-conilon	9,20	9,10	99	95	100
São Paulo	3,60	1,80	50	44	47
Paraná	1,70	0,72	42	37	69
Bahia	2,20	1,35	61	55	65
-arábica	1,60	0,77	48	42	53
-conilon	0,60	0,58	97	92	100
Rondônia	1,80	1,80	100	96	100
Outros	1,35	1,09	81	76	79
-arábica	0,50	0,25	50	46	50
-conilon	0,85	0,84	99	94	100
Arábica	30,00	15,94	53	46	47
Conilon	12,45	12,32	99	95	100
TOTAL	42,45	28,26	67	61	60

Fonte: Safras & Mercado

Safras & Mercado aponta colheita da safra mineira 2009/2010, até o último dia 22 de julho, de 55% do total da produção (**acréscimos de 10% em relação a igual período do ano passado**). Considerando uma produção de 20,20 milhões de sacas de 60kg, já teriam saído das lavouras cafeeiras cerca de 11,10 milhões de sacas que em grande parte se encontram em processo de secagem ou já descansando nas tulhas ou armazéns.

PODER DE TROCA DO CAFÉ

A relação de troca entre os fertilizantes e a saca de 60 kg de café continua desfavorável ao cafeicultor. Historicamente, três sacas de café compravam uma tonelada de fertilizante (20-05-20), atualmente são necessárias quase quatro sacas.

Sacas de café necessárias para adquirir 1,0 t de fertilizante

Produto	Valor (R\$/t)	Poder de troca	Valor (US\$)
NPK 20-05-20	960,00	3,84	504,20
NPK 20-00-20	920,00	3,68	483,19
Uréia	780,00	3,12	409,66
Cloreto Potássio	1.580,00	6,32	829,83
Sulfato Amônio	450,00	1,80	236,34
Superfosf. Simples	380,00	1,52	199,57

Base: Preço médio - Saca de café 250 – Dólar: R\$ 1,9040

Fonte: Emater-MG

No Sul de Minas Gerais, tendo como base os preços líquidos praticados pela Cooperativa dos Cafeicultores de Três Pontas – **Cocatrel** apontam um deságio de R\$ 27,00 por saca de 60kg para o Café Rio/Consumo Interno no fechamento do mês de julho. Confira na tabela a seguir:

Deságios – 30/07/2009					
Café Rio/C. Interno	(-27,00)	Café manchado	(-5,00)		
Café Riado	(-10,00)	Café chuvado	(-6,00)		
Café Duro/ Riado/Rio	(-15,00)	Café discrepante	(-17,00)		
Café com seca má	(-10,00)	Café muito discr/barrento	(-22,00)		
Base - Dura/Melhor	60 defeitos R\$ 252,00	6 Base	80 defeitos R\$ 250,00		
7 Base	160 defeitos R\$ 242,00	7 Base	270 defeitos R\$ 231,00		
<i>Café com mais de 270 defeitos → deságio de R\$ 1,00 a cada 10 defeitos</i>					

Fonte: Cocatrel – livre de impostos sujeitos apenas ao seguro.

Já no mercado internacional, os cafés brasileiros de boa qualidade continuam sendo ofertados com deságio em relação à Nova Iorque.

Tendência: Ampliar o deságio em relação à bebida dura, com uma maior oferta de lotes com bebida rio e riada.

COMERCIALIZAÇÃO DA SAFRA 2008/2009

Segundo o levantamento realizado por Safras & Mercado junto a cooperativas, produtores e corretores, chega-se ao final de julho com cerca de 36,0% da produção comprometida (...dos produtores para o mercado...). Isto representa um avanço de 7,0% em relação ao final de junho quando as vendas estavam em 29,0% da safra. Nesta temporada as vendas encontram-se 6,0% acima do total negociado em igual período do ano passado, quando os produtores haviam vendido 30,0% da safra. Considerando uma produção máxima de 50,40 milhões de sacas para a temporada 2008/2009, cerca de 18,30 milhões de sacas já teriam mudado de mãos, passando para comerciantes, atravessadores e exportadores, restando à venda ainda, algo em torno de 22,10 milhões de sacas.

BRASIL: Evolução da comercialização de café. Base produtor – Safra 2008/09 Em milhões de sacas de 60 kg – Base 31 de julho

Estado	Produção*	Comercializado	Fev. (%)	Jan. (%)	2008 (%)
Minas Gerais	25,60	9,64	38	33	30
-Sul/Oeste	14,20	5,50	39	33	26
-Cerrado	5,00	1,90	38	34	32
-Zona da Mata	6,40	2,24	35	30	34
Espírito Santo	11,40	3,82	34	27	29
-arábica	2,60	0,52	20	15	16
-conilon	8,80	3,30	38	31	32
São Paulo	4,90	1,65	34	29	24
Paraná	2,40	0,72	30	19	25
Bahia	2,60	0,88	34	23	21
-arábica	1,90	0,60	32	21	18
-conilon	0,70	0,28	40	30	31
Rondônia	1,80	0,95	53	42	50
Outros	1,70	0,64	38	31	32
-arábica	0,70	0,24	34	25	25
-conilon	1,00	0,40	40	35	35
Arábica	38,10	13,37	35	29	27
Conilon	12,30	4,93	40	33	34
TOTAL	50,40	18,30	36	30	29

Fonte: Corretores e cooperativas *Projeções: Safras & Mercado

Obs.: Números parciais sujeitos a retificação; inclui café já entregue e também por entregar.

Tendência: Com baixos estoques de passagem, a quebra da safra brasileira (39,0 milhões de sacas frente aos 45,9 milhões de sacas colhidas no ano passado) projeta-se um aperto na oferta para o final da temporada, uma vez que a maioria dos produtores aguarda a recuperação dos

preços para comercializar.

Considerando os principais mercados para o café brasileiro, no período de janeiro a junho de 2009, os Estados Unidos ultrapassaram a Alemanha chegando a 2.924.188 sacas de 60kg importadas, acréscimo de 46,84% quando comparado com igual período do ano passado.

FEIJÃO

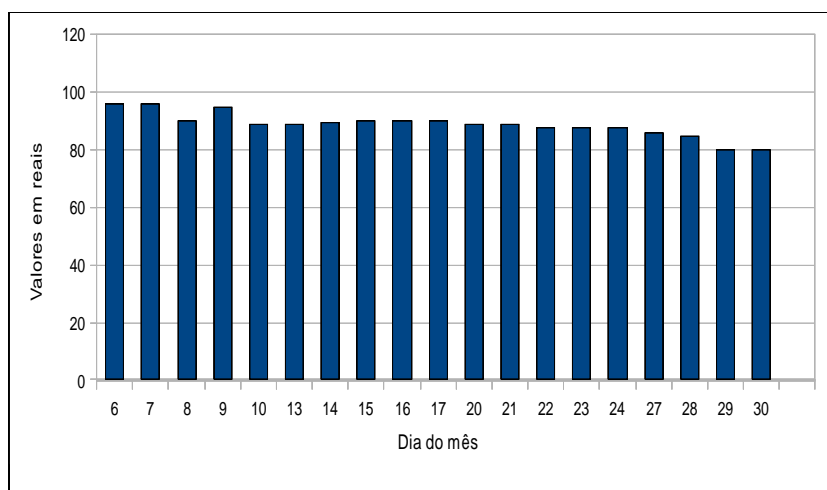
Wilson José Rosa
E-mail: wjrosa@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8170 - Belo Horizonte/MG

Durante todo o mês de julho, o mercado do feijão se comportou sem maiores alterações. Com a oferta garantida ao longo do mês, os compradores adotaram uma postura retraída. Esta cautela se caracterizou pela baixa demanda e refletiu em preços muito estáveis durante todo o mês de julho. Esse cenário é comum no mês de julho em função das férias escolares e muitas cozinhas industriais reduzem suas compras.

As oportunidades de negociação abaixo de R\$ 80,00 o saco de 60 kg não estão agradando os produtores que buscam agora, se o feijão não é extra, maneiras de estocar e esperar. Diante da possibilidade de não haver repique de plantio nos pivôs, o quadro de oferta durante a colheita da terceira safra vai ficando mais favorável à valorização do produto. Estas notícias indicam algum alento para mercado no futuro, porém o feijão colhido no momento, não vislumbra grandes expectativas e o mercado é estável. O feijão carioca, ofertado ao mercado nos últimos dias do mês, de origem da Bahia e São Paulo, apresentou alto teor de umidade, transferindo o interesse dos compradores para o produto mineiro.

No Estado de Minas Gerais, o preço do feijão carioca variou, durante todo o mês de julho, entre R\$ 75,00 e R\$ 100,00. Na região produtora de Unaí, os preços sofreram pequenas oscilações com ligeira redução no final, mas mantendo acima dos R\$ 80,00. (Ver gráfico).

Preço médio do feijão em Unaí – Julho de 2009



Fonte: Safras & Mercado

Segundo o último levantamento de safras, realizado pela Companhia Nacional de Abastecimento (Conab), divulgado no mês de julho, a área total plantada com a cultura do feijão é de 4.168,8 mil hectares, 4,4% maior que a área plantada no ano anterior, o que representa uma diferença de 175,8 mil hectares a mais e uma produção 3.527,2 mil toneladas, 6,3% a menos que o ano anterior.

Para a segunda safra do feijão, a área plantada estimada neste levantamento, foi de 1.940,0 mil hectares, o que representa um acréscimo de 4%, em relação ao ano anterior. A estimativa de produção é de 1.404,5 mil toneladas, o que representa uma queda de 2,9% em relação à safra 2007/08.

Em Minas Gerais, segundo o mesmo levantamento confirma uma redução em torno de 5,1% da área plantada na 2ª safra, ante a área de 154,1 mil hectares plantada no ano anterior, e uma produção de 210,5 mil toneladas representando uma queda de 1,7%. Esta redução se deve ao desestímulo dos produtores mineiros frente aos preços que vem sendo praticados pelo mercado.

Para a 3ª safra, a estimativa é de uma redução de 3% na área plantada em relação ao ano anterior, ou seja, o plantio de 788,7 mil hectares. A produção estimada é de 763,3 mil toneladas, uma redução de 8,3% ou 69,4 toneladas em relação ao ano de 2008. As regiões Norte e Nordeste participam com 79,13% da área total plantada e a região Centro Sul, com 20,87%. O Estado da Bahia é o maior produtor do feijão 3º safra, com a participação de 42,68% da área total.

Em Minas Gerais, as lavouras estão em fase de implantação e desenvolvimento inicial. O levantamento aponta uma área plantada de 50,2 mil hectares, redução na ordem de 20,2%, quando comparado com a safra 2007/08 e uma estimativa de produção de 117,5 mil toneladas de feijão, redução de 21,8% em relação ao ano anterior. Tal redução deve-se também, aos baixos preços praticados no mercado.

MILHO

Luiz Fernando Ferreira
E-mail: luiz.ferreira@emater.mg.gov.br
Tel.: (37) 3214-3800 – Divinópolis/MG

PRODUTO CONTINUA COM PREÇOS BAIXOS

O milho continua com os preços muito baixos, estagnados e sem apresentar reações que proporcionem alento aos produtores do cereal. No período compreendido entre os dias 20 e 30 de julho, principalmente na última semana do mês, o preço do milho recebeu a menor valorização, em termos nominais, no mercado brasileiro. Com o mercado em baixa, não resta alternativa ao vendedor, senão tornar-se flexível ao comprador. Para o analista Eduardo Sarmiento, de Safras & Mercado, os vendedores estão fazendo o gosto dos compradores, baixando os preços em níveis que os compradores pedem.

No final do mês de julho os preços do saco de 60 kg estiveram no seguinte patamar:

Oeste do Paraná / Cascavel - R\$ 16,00 a R\$ 17,00; Rio Grande do Sul / Erechim - R\$ 18,00 a R\$ 19,00; São Paulo / Campinas - R\$ 19,50 a R\$ 19,80 e na região da Mogiana - R\$ 17,30 a R\$ 18,00; Minas Gerais / Uberlândia - R\$ 17,00 a R\$ 17,80 (mercado com leve alta); Mato Grosso / Rondonópolis - R\$ 11,50 a R\$ 13,20 e Goiás / Rio Verde - R\$ 14,50 a R\$ 15,00.

PRODUÇÃO, ARMAZENAGEM E COMERCIALIZAÇÃO

A safra de milho 2008/2009, nos números (quase finais) estimados pela Conab, deve apresentar uma produção de 49 milhões de toneladas. Esse total corresponde a 33 milhões de toneladas produzidas na safra de verão e 16 milhões na safrinha, que ainda poderá sofrer alteração, considerando que a colheita desta 2ª safra encontra-se ainda em andamento.

A colheita do milho safrinha, ou 2ª safra, nas maiores regiões produtoras do país, estão impactando o setor de armazenagem. Como a comercialização está em ritmo lento, e como os estoques armazenados com grãos da safra de verão estão altos, surgem dificuldades para a entrada de novos volumes do cereal nos armazéns. Os agricultores das maiores regiões de produção de milho safrinha estão vislumbrando entraves de curto prazo se não houver escoamento para armazéns de outras partes do país, venda através dos leilões promovidos pela Conab e, até mesmo, a exportação do produto.

Para amenizar essa situação, inclusive para a melhor remuneração do produtor, seria fundamental o escoamento do excesso de milho através da exportação, entretanto o desempenho do mercado externo para o grão brasileiro encontra-se abaixo do esperado.

Outra medida seria a realização de leilões pela Conab, com a utilização do Premio Equalizador Pago ao Produtor (Pepro), como forma de viabilizar as vendas no mercado interno e externo e retirar parte do produto que se encontra principalmente na região Centro-Oeste, onde o valor do saco de milho no mercado está mais baixo, em função da colheita da safrinha.

Vale destacar também que, além do excesso de produto, o país ainda importou do Paraguai e Argentina cerca de 100 mil toneladas de milho, em junho, para atender às necessidades da região Sul, afetada pela redução na safra de verão.

INTERFERENCIAS PARA A PRÓXIMA SAFRA

- A Organização Mundial de Meteorologia (OMM), alerta que o fenômeno El Niño poderá aparecer neste segundo semestre, e o mercado financeiro já avalia o impacto sobre as culturas agrícolas e a cotação das commodities. Entre outros contratemplos, o El Niño provoca inundações na América do Sul, e como esse fenômeno acontece a cada 4 ou 5 anos, existe mais de 50% de chances, de o evento se manifestar nos próximos meses.

- A renovação das perspectivas de que as baixas temperaturas, no mês de julho em regiões produtoras, podem retardar o desenvolvimento das lavouras nos Estados Unidos, impulsionou as cotações na Bolsa de Chicago. Com base nas novas estimativas e revisões sobre a utilização de milho para diferentes finalidades, mantém-se a expectativa de redução nos estoques americanos, o que seria muito bom para a classe produtora brasileira, de um modo geral.

- Com os preços de insumos mais ou menos estabilizados, com o excesso de milho no atual período e diante da oferta abundante do produto no mercado interno, ainda não se pode prever como será a implantação da próxima safra. Por enquanto a previsão inicial é de haver uma redução de área da safra de verão a ser plantada no Paraná. Esta é uma previsão da Consultoria Céleres e que tem tudo para ser real.

Fonte: Safras & Mercado, Conab, Cimilho, Notícias Agrícolas.

SOJA

Willy Gustavo De La Piedra Mesones
E-mail: willy.gustavo@emater.mg.gov.br
Tel.: (34) 3338-5156 – Uberaba/MG

ÁREA E PRODUÇÃO NA SAFRA 2009/2010

Quando comparada com outras culturas, a soja teve melhor comportamento com relação a preços praticados no mercado, sinalizando que pode ser realmente concretizada a previsão de maior área plantada em detrimento de culturas como milho, algodão, feijão e arroz. A soja também ocuparia áreas hoje destinadas a pastagem, e quem diria, de cana-de-açúcar. As estimativas mundiais são de produção de 241,67 milhões de toneladas, 15% maior que as 210,91 milhões de toneladas obtidas este ano.

Em termos de Brasil, a área na safra 2009/2010 está estimada em 22,62 milhões de hectares, representando um acréscimo de pouco mais de 4% sobre a plantada na última safra o que poderia originar uma produção de 64,21 milhões de toneladas, um incremento de 12% sobre a atual safra. Essa produção se constituiria em novo recorde brasileiro. Minas Gerais com 940 mil hectares teria aumentada sua área em 4,4% com a produção de 2,72 milhões de toneladas. (Ver quadro.)

Previsão de produção de soja na safra 2009/10 comparada com safra 2008/09

Região/ Estado	Safra 2009/2010				
	Área (Mil ha)	Diferença (%)	Produção (Mil t)	Diferença (%)	Produtividade (kg/ha)
PR	4.230	4,2	12.690	0,0	3.000
Sul	8.600	3,7	22.901	23,8	2.663
MT	5.980	3,5	18.239	2,0	3.050
GO	2.390	4,8	6.931	2,2	2.900
MS	1.800	4,5	5.130	22,1	2.850
Centro-Oeste	10.225	4,0	30.465	5,0	2.979
MG	940	4,4	2.726	2,9	2.900
SP	560	5,7	1.568	16,1	2.800
Sudeste	1.500	4,9	4.294	7,3	2.863
BA	1.020	5,2	2.907	16,3	2.850
Nordeste	1.750	6,0	4.988	16,0	2.850
Norte	549	6,2	1.565	7,4	2.851
BRASIL	22.624	4,1	64.213	12,1	2.838

Adaptado de Safras & Mercado - Diferença = % com relação à safra 2008/2009

COMPRAS DA CHINA E ESPECULADORES AGITAM MERCADO

Compras efetuadas pela China na segunda quinzena de julho, incrementando as exportações norte-americanas, aqueceram repentinamente o mercado da soja, agitando os especuladores que operam na Bolsa de Chicago (CBOT), principalmente num momento em que se realizavam transações a preços baixos. Mas, mesmo esperando-se boas perspectivas de preços para a soja, ao que tudo indica, este fato deve se constituir em uma bolha de mercado, pois existem indicativos para frear uma tendência fortemente altista. Um exemplo é a safra recorde prevista para os EUA que se desenvolve atualmente em boas condições climáticas e funciona como um inibidor para esta recuperação de preços, embora já se fale em dificuldades com clima quente e seco para a segunda quinzena de agosto. É bom ficar de olho, mesmo que seja olho gordo.

Os produtores brasileiros têm acompanhado e aproveitado razoavelmente bem os momentos ocasionais de alta de preços e, para a safra 2009/2010, já há indicativos favoráveis para a cultura, como a redução nos custos de produção, principalmente pela queda no preço dos fertilizantes – que haviam subido consideravelmente na safra anterior –, maior disponibilidade de crédito como um todo, assim como, maiores limites de crédito por beneficiário que, no caso da soja, passou de R\$ 400 mil para R\$ 450 mil. Mas, sem querer baixar o entusiasmo, não se pode deixar de citar, como fatores inibidores, a incerteza na taxa de câmbio, o alto endividamento dos produtores, a baixa disponibilidade de crédito pelas empresas de insumos e a presença da ferrugem asiática.

FERRUGEM ASIÁTICA

Na penúltima safra foram verificados, pelo sistema de monitoramento da Embrapa, 2.106 casos, distribuídos em 12 estados. Já na safra colhida este ano foram detectados 2.884 focos representando um acréscimo de 37%, e agora em 13 estados. Mesmo considerando este aumento, as perdas foram menores, em função da maior eficiência do controle através da adoção do vazio sanitário – proibição de plantio de soja na entressafra –, e a menor incidência de chuvas, pois com menor umidade, diminui a propagação do fungo. O Paraná foi o estado mais afetado com 1.582 casos, em segundo lugar a Bahia com 277 casos. Minas Gerais registrou 32 casos contra 8 na safra passada. A boa notícia é que nesta safra os produtores irão contar com uma nova variedade, denominada "soja inox" ou BRSGO 7560, que tem oferecido resistência à ferrugem asiática e indicada, por enquanto, para Goiás, Minas Gerais, Distrito Federal e norte de São Paulo.

De acordo com dados da Embrapa Soja o controle químico da ferrugem asiática na safra 2008/09 custou US\$ 1,5 bilhão, levando-se em conta a média de 2,2 aplicações por hectare, mesmo considerando que o custo médio por aplicação caiu de US\$ 43 para US\$ 30 por hectare. Desde a safra 2001/02, quando foram encontrados os primeiros focos, a doença já causou prejuízos de, pelo menos, US\$ 11,6 bilhões.

Preços praticados no Brasil

Local	Preços praticados (R\$/saca)			
	03/08/09	1 semana atrás	1 mês atrás	1 ano atrás
Passo Fundo/RS	48,50	45,00	50,50	47,50
Rondonópolis/MT	43,30	42,70	45,70	43,20
Mogiana/SP	48,00	44,50	49,50	48,00
Uberlândia/MG	47,50	45,00	48,50	45,00
Preço mínimo (*)	25,11	-	-	22,80

Adaptado de Safras & Mercado - () A partir de 01/01/2010
Fonte: Safras & Mercado, Conab, Emater-MG*

TOMATE

Georgeton S. R. Silveira
E-mail: georgeton@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8148 - Belo Horizonte/MG

COMPORTAMENTO

Em julho os preços do tomate in natura, segundo a Ceasaminas, no entreposto de Contagem foram:

- Tomate AA, dos grupos, Longa Vida R\$ 14,42 e Santa Cruz – R\$ 15,17, preço médio caixa 22 kg.

- Tomate classe A dos grupos Longa Vida R\$ 9,08 e Santa Cruz – R\$ 10,00 caixa 22 kg.

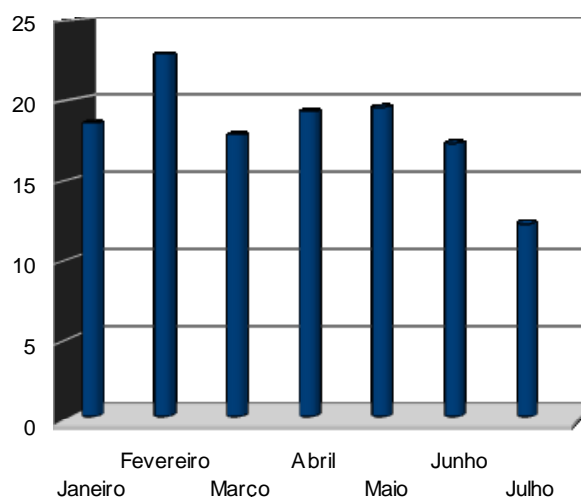
Segundo pesquisa de preços realizada no varejo pela Ceasaminas, do dia 22 a 24/07, os valores do tomate in natura praticados nos hipermercados e supermercados da Grande BH obtiveram um preço médio de R\$ 1,33/kg, e nos sacolões R\$ 1,35/kg, sendo o preço médio do varejo de R\$ 1,47/kg. Já no atacado o preço médio do tomate foi de R\$ 0,62/kg. O preço no atacado em relação ao varejo apresentou uma variação média de 137,1%.

O que colaborou para a queda significativa dos preços no mês de julho, o menor desde janeiro (ver gráfico), foi, principalmente, o período de férias escolares, que diminui significativamente a procura do produto. Além do mais, o mês de julho coincide com o período de maior oferta de tomate in natura no atacado.

O custo operacional da caixa de 22 kg de tomate no final de julho estava em torno de R\$ 10,00. O custo operacional, leva em consideração apenas as operações de custeio da lavoura (custos variáveis), como serviços e insumos, sem tratar dos fatores de remuneração (custos fixos como depreciação de equipamentos, custo da terra), o que eleva o custo da caixa, em média, para R\$ 12,50.

É importante que os tomaticultores, ao planejar a próxima safra tenham informações a respeito do custo de produção, definição e escalonamento da área a ser plantada, além dos itens relacionados à planilha de custos, que poderão ser alterados, na perspectiva de bons resultados na receita.

Comportamento dos preços médios pagos pelo tomate, caixa de 22 kg, na Ceasaminas. Valores em Reais (R\$)



Fonte: Ceasaminas preços médios no período.

TENDÊNCIA

Para o mês de agosto, a expectativa é que os preços sejam melhores que os de julho, devido à redução de oferta do produto no mercado, bem como o final da safra, principalmente em São Paulo. O retorno dos consumidores, também colabora para a maior procura, além da elevação da temperatura, que tende a aumentar o consumo de saladas em geral.

FRUTICULTURA

Deny Sanábio
E-mail: sanabio@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8117 - Belo Horizonte/MG

ZONEAMENTO AGRÍCOLA DA BANANA

O zoneamento agrícola de risco climático, ferramenta para tentar minimizar os riscos do produtor, traz análises para diminuir as chances das adversidades climáticas coincidirem com a fase mais sensível das culturas. O zoneamento agrícola da banana para safra 2009 no Estado de Minas Gerais foi publicado no Diário Oficial da União (DOU) de 30/07/2009 através da Portaria Nº 163, de 29 de julho de 2009 do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento – Mapa. Os estudos indicam a melhor época de plantio em cada município, relacionada ao ciclo dos cultivares e ao tipo de solo, de acordo com a sua capacidade de retenção de umidade. Também são listadas as cultivares adaptadas para cada região.

REGIME ESPECIAL PARA TRÂNSITO VEGETAL

O Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA) passou a adotar desde o dia 3 de agosto um regime especial para emissão da Permissão de Trânsito Vegetal (PTV) aos atacadistas e produtores rurais do setor de frutas da Ceasaminas. Com a finalidade de facilitar as transações comerciais de frutos e mudas, o IMA passou a aceitar a substituição do documento da PTV por um carimbo, adesivo autocolante ou similar que deverá vir junto com a nota fiscal. A PTV visa aumentar o controle contra a disseminação de pragas quarentenárias entre os estados.

Na prática, a medida vai beneficiar principalmente os comerciantes que trazem as mercadorias da área de produção e descarregam em galpões fora da Ceasaminas para beneficiamento. No momento em que o produto é descarregado, a PTV emitida inicialmente perde a validade, já que a carga foi descaracterizada. Por isso, é necessário emitir uma nova PTV, com base em um

Certificado Fitossanitário de Origem Consolidado (CFOC), emitido por um engenheiro agrônomo credenciado junto ao IMA.

Ao possibilitar a substituição da guia pelo carimbo ou similar, a medida facilita a logística para os atacadistas e produtores. Na inscrição do carimbo, devem estar contidos dados como o número do contrato e o do CFOC, de acordo com o modelo padronizados pelo IMA.

Conforme o contrato celebrado com o IMA, as empresas e pessoas físicas ficam obrigadas a fornecer semanalmente ao órgão relatório detalhado, incluindo a relação das notas fiscais de saída, quantidade de produtos vegetais veiculadores de pragas quarentenárias, data de emissão, destino das cargas e número do CFOC. Além disso, no ato de apresentação do relatório das notas fiscais, as empresas devem efetuar o pagamento das taxas da PTV, dentre outras determinações.

Mais informações: (31) 3213-6300 ou www.ima.mg.gov.br.

CRÉDITO PARA FRUTAS

O plano agrícola 2009/10 para o setor de fruticultura prevê a ampliação dos limites de custeio e dos Empréstimos do Governo Federal (EGFs) em 50% sobre o ciclo passado, passando para R\$ 600 milhões. O plano prevê também a possibilidade de adoção e recuperação de equipamentos e instalações para proteção contra granizo, por meio do Programa de Incentivo à Irrigação e à Armazenagem (Moderinfra).

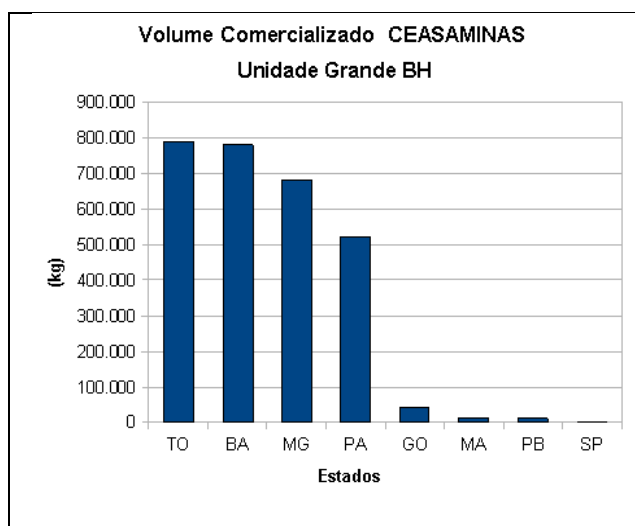
Segundo o Ministério da Agricultura, o governo encaminhará ao Conselho Monetário Nacional, proposta para autorizar a concessão de uma Linha Especial de Crédito (LEC) para as culturas de manga, goiaba, maracujá e abacaxi.

ABACAXI

Historicamente, o mês de julho, por apresentar médias baixas de temperatura, registra retrações consideráveis na demanda de abacaxi. Na Ceasaminas da Região metropolitana de Belo Horizonte, foram comercializadas, até o mês de julho, 18.649, 2 toneladas da fruta.

Levando em consideração somente o mês de julho a comercialização foi de 2.849,1 toneladas. Minas Gerais participou com 23,9% deste volume, sendo que os municípios de Monte Alegre de Minas e Frutal, se destacaram com 96% do montante comercializado oriundos de municípios mineiros.

O abacaxi de outros estados entregue na Ceasaminas da Grande BH teve como origem, Tocantins, Pará, Bahia, Goiás, Paraíba e São Paulo. Vale ressaltar que os estados do Tocantins e da Bahia lideraram essa oferta com aproximadamente 28% cada. O Pará também se destacou com 18,4% do volume comercializado. A oferta total de abacaxi na Ceasaminas, Grande BH, no mês de julho/09, alcançou um incremento de 8,2% quando comparado com junho/09.



ABACAXI Distribuição Regional da Produção		
Região	Área (mil ha)	Produção (milhões frutos)
Central	0,15	3,18
Rio Doce	0,03	0,58
Zona da Mata	0	0
Sul de Minas	0,01	0,40
Triângulo	7,90	241,04
Alto Paranaíba	0,02	0,36
Centro Oeste	0,02	0,44
Noroeste	0,05	1,05
Norte de Minas	0,20	3,09
Jequitinhonha / Mucuri	0,34	7,72
Total	8,71	257,67

Fonte: IBGE/LSPA, Seapa
Junho 2009 (Estimativa)



Fonte: Mapa, IMA, Diário do Comércio, IBGE/LSPA, Seapa

BOI GORDO

José Alberto de Ávila Pires
 E-mail: xapeco@emater.mg.gov.br
 Tel.: (31) 3349-8116 - Belo Horizonte/MG

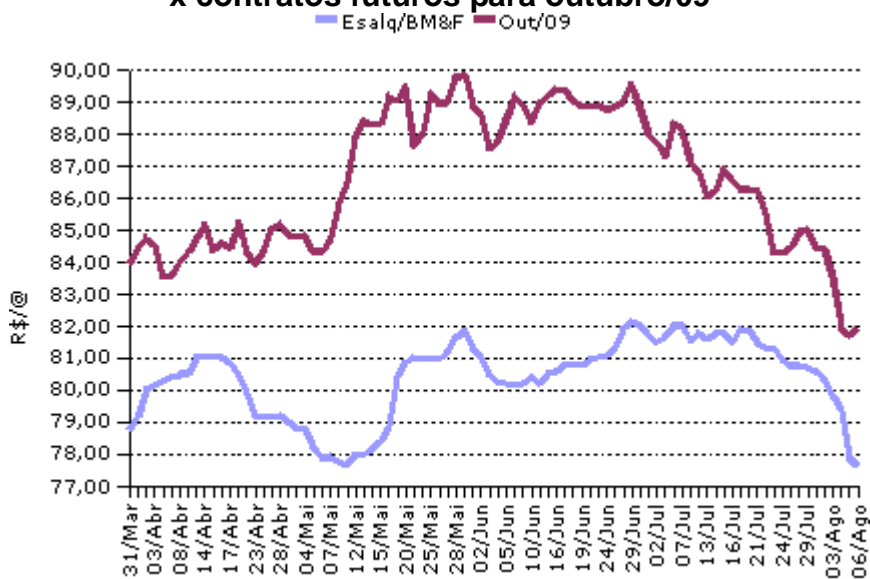
MERCADO PRESSIONADO

Segundo Safras & Mercado “uma forte pressão de venda (pecuaristas) e o alongamento das escalas de abate (frigoríficos)” seria a principal causa da atual pressão de baixa dos preços da arroba do boi gordo.

A figura 1 mostra o comportamento deste mercado no período de 31/março a 06 de agosto/2.009. A partir do início de julho houve uma **queda** das cotações projetadas pelo Mercado Futuro para outubro/09, e, durante toda a segunda quinzena de julho esta **queda** vem ocorrendo também no mercado físico (frigorífico). Uma demonstração evidente de como a “sinalização” do

comportamento dos preços no mercado futuro reflete antecipadamente as “tendências” do mercado físico, neste caso, do indicador Esalq/BM&F como mostrado na Fig. 1.

Figura 1. Indicador Esalq/BM&FBovespa boi gordo à vista x contratos futuros para outubro/09



Fonte: Esalq/BM&FBovespa, elaboração BeefPoint

Historicamente, na virada do mês de julho para agosto ocorre a primeira recuperação dos preços da arroba do boi gordo, normal para o período de entressafra. Porém, em 2009 isto não vem acontecendo e uma das causas seria a ocorrência de chuvas algumas regiões do país e que podem ter influenciado nessa pressão de venda dos pecuaristas, por dois motivos:

1- Estas chuvas estariam garantindo um melhor desenvolvimento das pastagens com uma melhor oferta de “bois de pasto”. Ou, até mesmo, um prolongamento da **safr**a de boi gordo para os meses de julho e agosto, deslocando a **entressafra** para a frente, como mostra a Figura 2.

2- O fato de que a chuva durante o período de confinamento prejudica o manejo e “obriga” a venda dos animais, mesmo sem um acabamento ideal.

No dia 05 de agosto, segundo Safras & Mercado, os preços pagos pela arroba do boi gordo nas principais regiões produtoras apresentaram as seguintes cotações (**valores livres de Funrural e 30 dias para pagamento**): no Estado de São Paulo entre R\$ 75,00 e R\$ 76,00, no Mato Grosso do Sul, R\$ 72,00 e R\$ 73,00, e entre R\$ 70,00 e R\$ 72,00 em Goiás e Minas Gerais.

Segundo as pesquisas feitas pelo Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada) – Piracicaba, frigoríficos de todas as regiões consultadas seguem pressionando as cotações da arroba. Em sete dias (30/07 a 05/08/2.009), o Indicador do boi gordo Esalq/BM&FBovespa (**São Paulo – à vista, sem desconto do Funrural / menos 2,3%**), teve queda de 3,5%, fechando a R\$ 77,89 no dia 05/agosto/2.009

MINAS GERAIS

A tabela 1 mostra o levantamento feito pela Emater-MG, em diversas regiões de Minas Gerais, dos preços do boi gordo e vaca gorda prontos para abate, e do bezerro de corte Nelore ou Anelorado de qualidade, durante a última semana julho (27 a 31 de julho/09).

Estas informações podem ser obtidas através dos telefones (31) 3349-8118 ou 3349-8116, ou pelo e-mail xapeco@emater.mg.gov.br

BEZERROS DE CORTE

Apesar da situação de “preços pressionados”, estáveis a mais baixos, observados para as cotações da arroba do boi gordo, o mercado de bezerros de corte permanece estável e

inalterável, e com boa procura para animais de qualidade.

Segundo Safras & Mercado, no dia 05 de agosto, este tipo de bezerro de corte, padrão Nelore/Anelorado, apresentou as seguintes cotações por cabeça: em São Paulo entre R\$ 630,00 e R\$ 670,00; no Mato Grosso do Sul entre R\$ 580,00 e R\$ 600,00; em Minas Gerais, Uberaba R\$ 600,00 e em Unai a R\$ 580,00; em Goiás a R\$ 640,00; no Mato Grosso entre R\$ 530,00 e R\$ 550,00 e no Paraná a R\$ 640,00.

Cotação de bovinos de corte em R\$/arroba (27 a 31/07/09)

Região de MG	Município referência	Boi rastreado (1)	Boi não rastr. (2)	Vaca (3)	Bezerro (4)
Triângulo Mineiro	Uberaba	76	70	67 / 68	560
Norte de Minas	Montes Claros	75 / 78	71	65	550 / 600
Central	B. Horizonte	xxx	68 / 70	60 / 65	500
Noroeste	Unai	73 / 75	71 / 72	64 / 66	500 / 550
Zona da Mata	Viçosa	xxx	xxx	65	xxx
Mucuri	Teófilo Otoni	xxx	69 / 70	65	430 / 450
Sul de Minas	Alfenas	80	77	70	550 / 550

(1) Boi gordo para abate, rastreado, tipo exportação, acima de 16 arrobas (peso morto);

(2) Boi gordo para abate, não rastreado, mercado interno, acima de 15 arrobas (peso morto)

(3) Vaca gorda para abate, mercado interno, acima de 12 arrobas (peso morto);

(4) Bezerro de corte, nelore ou anelorado, de aptação, (8-12 meses de idade), média de 180 kg peso vivo (6 arrobas).

Fonte: Asmec/Emater-MG

Nota: Cotações livre de Funrural e 30 dias para pagamento.

EXPORTAÇÕES

Sob o impacto negativo da crise econômica mundial e da valorização do Real (R\$) frente ao Dólar (US\$), as exportações de carne bovina brasileira apresentaram no período de janeiro a junho de 2.009 uma queda de 13,1% em relação ao volume exportado e de 25,2% em relação à receita. Estimativas indicam que esta tendência de queda (volume e receita) nas exportações, será mantida durante o mês de agosto/09.

Mas, apesar disso, para o segundo semestre de 2.009, o setor da pecuária bovina de corte vive uma expectativa “positiva”, tendo em vista uma “possível” recuperação da economia mundial. (Informações de Safras & Mercado)

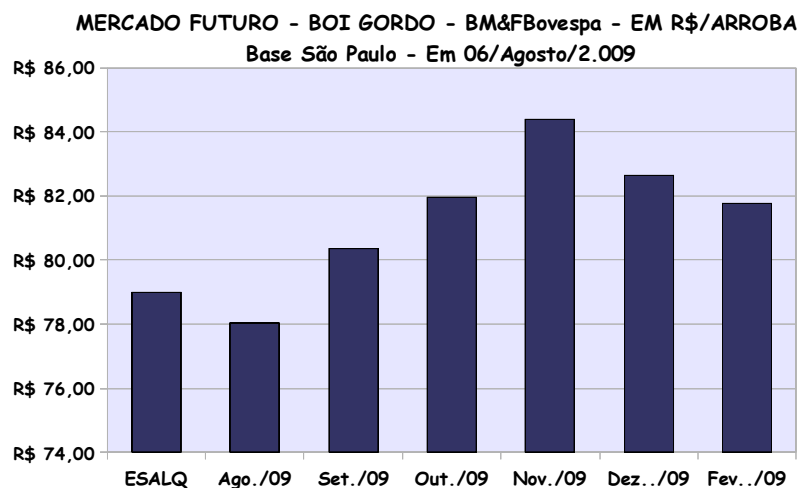
CENÁRIO DA ENTRESSAFRA 2.009 (AGO/DEZ)

Reflexo da situação atual do mercado físico (frigorífico), as cotações da arroba do boi gordo para os negócios realizados no Mercado Futuro de Boi Gordo da Bolsa de Mercadorias e de Futuros – BM&FBovespa vem apresentando queda para todos os meses. A figura 1 apresenta a situação deste mercado de acordo com os negócios realizados no dia 06 de agosto de 2.009. Observa-se que as “projeções” futuras são bastante “cautelosas”, e dentro da realidade do mercado físico (frigorífico) atual (julho/agosto de 2.009).

A Figura 2 mostra que, com relação ao indicador dos preços da arroba do boi gordo Esalq/BM&FBovespa (primeira coluna), o mercado ainda trabalha com uma expectativa de queda de preços no mercado físico para o mês de agosto/09. Uma “provável/possível” recuperação destes preços poderá ocorrer a partir de setembro, com a **maior** cotação, **próxima a R\$ 84,00 por arroba**, sendo prevista para novembro/2.009.

Mais uma razão para ficar “de olho” no mercado futuro como sinalizador (o melhor) de alterações futuras no mercado físico. Vamos acompanhar.

Figura 2



Fonte: Esalq/BM&FBovespa, elaboração Emater-MG

FRANGO E OVOS

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

Os resultados obtidos pelo setor avícola brasileiro no primeiro mês de exportação (julho/2009) para o mercado chinês são bons, mas ainda são tímidos quando comparados ao volume total de carne de frango que é exportado pelo país. No primeiro semestre do ano, a China foi destino de menos de 1% dos embarques nacionais, que somaram 1,7 milhão de toneladas. O início da crise financeira internacional, em setembro, levou alguns países a cancelar negócios feitos com o Brasil. Diante da queda nos embarques e do conseqüente recuo dos preços, o setor orquestrou uma redução ordenada do plantel, e diminuiu em 15% o volume produzido. Ajustada à nova realidade, a avicultura brasileira retomou o crescimento e espera encerrar o ano com incremento de 5% na comercialização externa. No ano passado, o país exportou 3,5 milhões de toneladas de carne. Foi o melhor desempenho da história do setor. Fonte: Jornal Gazeta do Povo.

O resultado das vendas externas do **frango in natura** em julho coloca em dúvida a perspectiva de, neste ano, se obter um aumento de 5% nas exportações brasileiras de carne de frango, como ainda prevê parte do setor. Considerando-se o produto in natura exportado no mês passado (288.778 toneladas, conforme a SECEX) e supondo-se que as exportações de industrializados de frango e de carne de frango salgada tenham alcançado o volume máximo registrado nos 12 meses anteriores (38.826 toneladas), os embarques totais de julho terão chegado às 327.604 toneladas e os dos sete primeiros meses do ano a, aproximadamente, 2,135 milhões de toneladas. Um aumento de 5% sobre o total exportado em 2008 (3,645 milhões de toneladas) significa chegar, neste ano, aos 3,827 milhões de toneladas, aproximadamente. Faltam, portanto, 1,692 milhão de toneladas que, distribuídas pelos cinco meses restantes do ano, solicitam embarques mensais da ordem de 338,4 mil toneladas, média 12% superior à registrada no primeiro semestre. O desafio, aqui, não está no índice de aumento necessário para alcançar a meta e, sim, no fato de que a última vez em que se atingiu aquele volume em um único mês foi em julho do ano passado, ou seja, antes que se instalasse no mundo a atual crise econômica. Fonte: Avisite

Não será exagero dizer que a comercialização do **ovo** no mês de julho foi um desastre total, já que o valor médio retrocedeu 14% em relação ao mês anterior e, pior ainda, 22% em relação ao mesmo mês do ano passado. É verdade que em julho do ano passado ainda não havia eclodido a

crise econômica que fez (e continua fazendo) o mundo tremer. Seria quase natural, portanto, que as cotações atuais fossem ligeiramente menores. No entanto, o setor produtor de ovos passou pela fase mais crítica dessa crise (último trimestre de 2008) sem ter atingido os baixíssimos preços registrados agora em julho – os menores registrados nos últimos 20 meses –, ou seja, desde dezembro de 2007. Fonte: Mercadoovo.

A combinação “final de mês + aumento de oferta” continua a fazer estragos na avicultura. O **frango vivo** comercializado no interior paulista perdeu mais cinco centavos de seu preço e foi comercializado por R\$ 1,60/kg, retrocedendo assim ao valor de abertura do ano. Idêntica perda foi registrada também em Minas Gerais, onde o produto foi comercializado por R\$ 1,80/kg (R\$ 2,10/kg há 30 dias) e está agora a apenas 10 centavos acima do preço de abertura do ano. O enfraquecimento típico de mercado de todos os finais de mês pode, desta vez, estar sendo agravado pelo período de férias escolares. Mas tudo indica que o ingrediente “detonador” do preço do frango é o aumento da oferta que, nos últimos 30 dias, sofreu uma variação da ordem de 8% (considerada, neste caso, a produção média diária de pintos de corte em maio e junho passados). Ou, pior ainda, quase 20% superior à registrada nos primeiros dias de março deste ano (pintos produzidos no mês de janeiro). Por força dessa atitude, o preço do frango vivo recuou quase 16% em pouco mais de 15 dias e no momento registra um dos piores preços deste ano, ou seja, só perde para a cotação de R\$ 1,50/kg que vigorou entre o finalzinho de abril e os primeiros dias de maio. A diferença é que, lá, o mercado enfrentava os efeitos do pico da safra da carne e, hoje, estamos no período de entressafra. Fonte: Avisite

Cotações de frangos (R\$/kg)

Frango	Atacado FOB	
	30/06/09	31/07/09
Abatido	3,00	3,00
Resfriado/Atacado		
Vivo com ICMS	2,51	2,35
Vivo Diferido	2,35	1,95
Vivo Integração	2,10	1,80

Fonte: Avimig

Cotações de ovos (R\$/cx30dz)

Ovos	30/06/09	31/07/09
Extra	48,00	41,00
Grandes	47,00	40,00
Médios	46,00	39,00
Pequenos	44,00	37,00
Vermelhos	52,00	44,00

Fonte: Avimig

Cotações de aves de descarte R\$/kg)

Aves de descarte	Atacado	
	30/06/09	31/07/09
Poedeira de Corte	1,30	1,30
Poedeira Branca	0,50	0,50
Matriz Vermelha	0,50	0,50

Fonte: Avimig

TENDÊNCIAS

- O **frango vivo** comercializado veio perdendo preço ao longo do mês de julho, fechando em um patamar bem abaixo do comercializado no mês de junho. E o pior é que esta tendência deve

permanecer nos próximos dias principalmente em função da oferta aumentada pelo excesso de produção. Agora é esperar que com o fim das férias de julho este consumo possa subir equilibrando, pelo menos em parte, oferta e demanda. Fonte: Avisite

- Com uma demanda muito forte, o mercado **de ovos** volta a ter um ótimo equilíbrio e tudo indica que o produtor terá problemas em atender prontamente seus clientes. Diante deste cenário os preços voltam aos patamares de R\$ 40,00 e o produtor fica na expectativa de novos reajustes de acordo com a demanda.

SUÍNO

Dirceu Alves Ferreira
E-mail: dirceu@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

As exportações brasileiras de carnes recuaram em julho, tanto em volume quanto em receita. Os preços também sofreram desvalorização em relação ao mesmo período de 2008, reflexo da demanda internacional ainda hesitante. Dados preliminares do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, mostram que as exportações de frango e bovinos caíram respectivamente 2,2% e 12%. O pior desempenho foi o da carne suína. A receita com os embarques em julho foi de US\$ 91,2 milhões, queda de 42,1% em relação ao mesmo intervalo de 2008 e de 3,6% sobre o mês anterior. O volume caiu 16,4%, para 42,2 mil toneladas. O número é 11,3% menor do que o de junho deste ano. Os preços também despencaram em relação a julho de 2008: 30,8%. Fonte: Valor Econômico.

No mês de julho, o mercado de suínos trabalhou com preços bem estáveis, com pequenas oscilações em algumas regiões do país em função de julho ser um mês tradicionalmente sem perspectiva de alta demanda. Os preços em São Paulo variaram de R\$ 2,00 a R\$ 2,03 por kg/vivo. No Mato Grosso o mercado apresentou um aumento nos preços devido à maior demanda, ficando entre R\$ 1,85 e R\$ 1,95. Em Goiás os preços subiram para, em média, R\$ 2,30, e em Minas Gerais, para R\$ 2,35. Na região sul os preços praticados no mercado ficaram na faixa de R\$ 1,70 a R\$ 1,90. No Paraná os produtores recebem de R\$ 1,70 a R\$ 1,73 enquanto os integrados recebem R\$1,70. Acredita-se que os preços deverão ficar de estáveis para mais altos em função do fim de férias e do aumento da demanda que normalmente ocorre no mês de agosto, enquanto que a oferta permanece em equilíbrio. Fonte: Agência Safras.

<p>Cotações do suíno em 31/07/2009 (R\$) SP 2,03 - RS 1,93 - PR 1,73 - SC 1,90 - MS 1,90 MT 1,95 - GO 2,30 - MG. 2,35 Fonte: Asemg</p>
--

TENDÊNCIA

A oferta reduzida de animais e a demanda crescente por parte dos frigoríficos levaram ao fechamento de preço na Bolsa de Suínos em alta. A Bolsa de Minas Gerais foi acordada em R\$ 2,35/kg no atacado, com validade a partir do dia 31/07, com tendência a se manter em estabilidade e para cima. Fonte: Asemg

LEITE

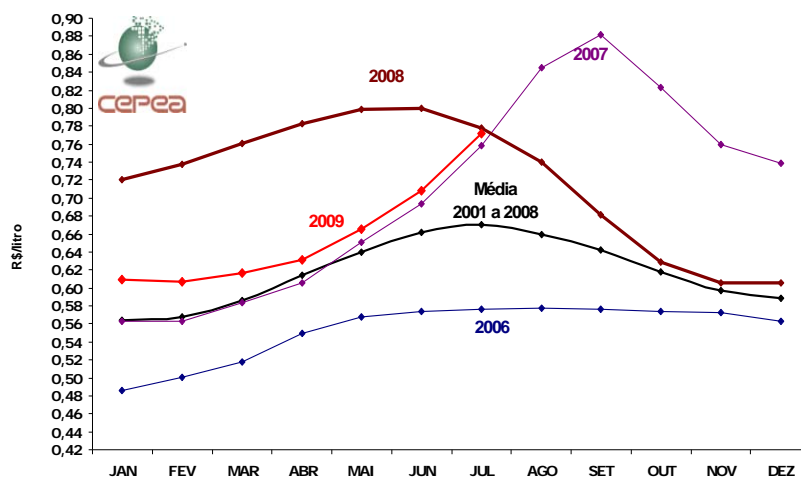
Cinthy Leite Madureira de Oliveira
E-mail: cinthya@emater.mg.gov.br
Tel.: (31) 3349-8115 - Belo Horizonte/MG

MERCADO

A captação de leite, de maio para junho, teve um aumento de 0,87%, e a alta dos preços do produto foi mais expressiva que a dos meses anteriores, segundo pesquisas do Cepea (Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada da Esalq/USP).

Nos sete estados considerados para a “média nacional” do Cepea (RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA), o preço ponderado foi de R\$ 0,7719/litro (bruto) no pagamento de julho, referente ao leite entregue em junho, aumento de 9%, ou seis centavos por litro, frente ao mês anterior. Esse valor é semelhante, em termos nominais, ao de agosto de 2007, quando o leite era negociado a R\$ 0,7654/litro.

Gráfico 1: Série de preços médios pagos ao produtor - deflacionada pelo IPCA
(média de RS, SC, PR, SP, MG, GO e BA)



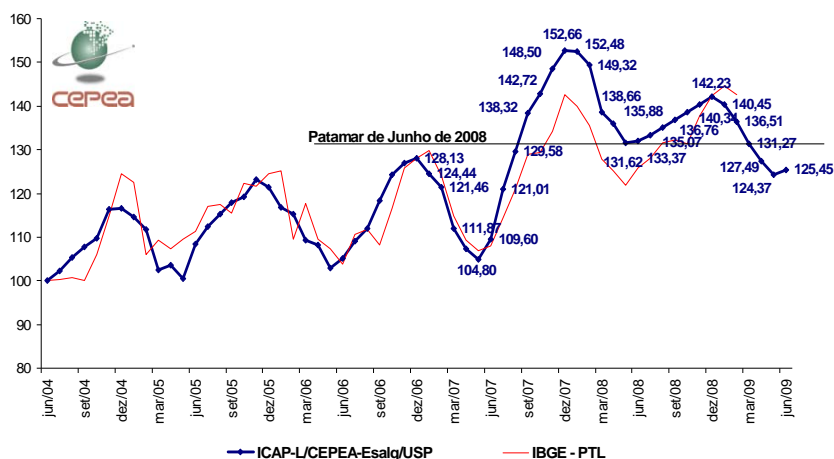
Fonte: Cepea-Esalq/USP

Entre os estados pesquisados pelo Cepea, o maior aumento ocorreu no Rio de Janeiro, com reajuste de 15,22% ou aumento de 10,5 centavos/litro. Já o menor aumento, de 1,5%, ou praticamente um centavo/litro, foi registrado na Bahia. Em Minas Gerais, estado maior produtor, o preço teve um aumento de seis centavos, passando para R\$ 0,7652/litro.

O preço médio do leite “spot”, leite comercializado entre as empresas, permaneceu praticamente estável em julho, na comparação com junho, segundo levantamento da Scot Consultoria.

Apesar do ligeiro aumento de maio para junho, o volume de leite captado em junho ainda foi 4,91% inferior ao do mesmo mês do ano passado. Se comparado o primeiro semestre deste ano com igual período de 2008, a captação foi 6,5% menor – em abril, a diferença chegou a 7%.

Gráfico 2: ICAP-L/Cepea - Índice de Captação de Leite - Junho/09. (Base 100=Junho/2004)



O aumento no preço pago ao produtor também esteve atrelado às novas altas observadas para o leite UHT no mercado atacadista. Em junho, a média nacional do produto (considerando os estados de RS, PR, SP, MG e GO), apurada pelo Cepea foi de R\$ 1,96/litro, elevação de 11% em relação à de maio.

Tabela 1 – Poder de compra do leite. Litros de leite necessários para comprar insumos e serviços utilizados na produção.

Insumos e serviços	Preço do leite* Mai./09 R\$ 0,58	Preço do Leite* Jun./09 R\$ 0,63
Vaca em lactação (+12 litros)	3474	3348
Ração para vaca lactação (saco 50 kg)	71	65
Farelo de algodão (saco 50 kg)	61	57
Sal Proteinado (saco 30 kg)	13	13
Uréia pecuária	79	70
Sulfato de amônia (saco 50 kg)	78	66
Detergente alcalino (limpeza ordenhadeira)	48	49
Tintura de iodo a 10% (litro)	41	38
Óleo diesel (litro)	3,5	3,2

*Preço médio do leite tipo C pago ao produtor.

Fonte: Panorama do leite/Embrapa – Adaptação: Detec/Emater-MG

Os aumentos nos preços ajudam produtores a cobrir os custos mais elevados de produção neste período em que aumenta a quantidade de concentrado dado ao rebanho, tendo em vista a escassez de pastagens. Esse reforço à alimentação também explica o aumento da produção de leite em junho. No dia a dia, produtores se mantêm atentos à relação de troca de leite por concentrados. De acordo com a tabela 1, o poder de compra do leite aumentou no mês de junho em Minas Gerais.

Tabela 2 - Preços pagos pelos laticínios (bruto) e recebidos pelos produtores (líquido) em Julho/2009, referente ao leite entregue em Junho/ 2009.

Região	Bruto (c/frete e CESSR, ex- Funrural)			Preço líquido	Var. % Bruto	Var. % Líquido
	Máximo	Mínimo	Médio	Médio	jul/jun	jul/jun
Triâng./Alto Paranaíba	0,8311	0,7611	0,7954	0,7487	11,55	11,54
Sul/Sudeste	0,8216	0,7026	0,7874	0,7474	7,345	7,33
Vale do Rio Doce	0,8120	0,7078	0,7523	0,7225	10,04	10,03
Média Estadual	0,8057	0,7083	0,7652	0,7260	9,63	9,62
Média Nacional	0,8229	0,6767	0,7719	0,7278	8,92	8,95

Fonte: Cepea. Adaptado por Detec/Emater-MG

TENDÊNCIA

Para o próximo pagamento, 56% dos agentes compradores consultados pelo Cepea e mais de 80% dos laticínios pesquisados pela Scot Consultoria, apostam em estabilidade nos preços do leite pago ao produtor.

PEIXE

Frederico Ozanam de Souza
E-mail: frederico@emater.mg.gov.br
Tel.: (35) 3522-1166 – Passos/MG

PANORAMA

Uma excelente alternativa de trabalho com organismos aquáticos é a carcinicultura, técnica de criação de camarões em viveiros. Dentre os crustáceos, os camarões destacam-se, não só pelo seu valor nutritivo, mas por constituírem iguarias finas. Aliado ao seu excelente sabor, o camarão demonstra grande resistência na criação em cativeiro, permitindo que seja criado em altas densidades. Além disso, trata-se de um produto com mercado crescente.

Neste contexto, a carcinicultura apresenta excelente potencial de crescimento com duas características notáveis: ser uma produção do setor primário que não depende de chuvas e por gerar emprego permanente para trabalhadores das pequenas propriedades rurais.

A experiência acumulada nos países onde a carcinicultura vem apresentando crescimento acelerado, tem revelado os seguintes aspectos positivos:

- Econômico, no sentido de que a exploração da atividade de cultivo de camarão pode ser conduzida com bom nível de eficiência de emprego de capital, tanto por pequenos, como por médios e grandes produtores;
- Social, através do emprego maciço de mão-de-obra não especializada, representada pelos próprios pescadores artesanais.
- Ecológico, relacionado diretamente com a conservação do meio ambiente, uma vez que essa atividade exige excepcionais condições hidrobiológicas, sendo, portanto, uma grande aliada no efetivo controle das condições ambientais, especialmente quando se leva em consideração que o verdadeiro conceito do desenvolvimento sustentável, passa prioritariamente por uma administração responsável dos recursos hídricos, que deve levar em consideração a função produtiva desses ambientes, a geração de emprego e renda, e a conservação ambiental.

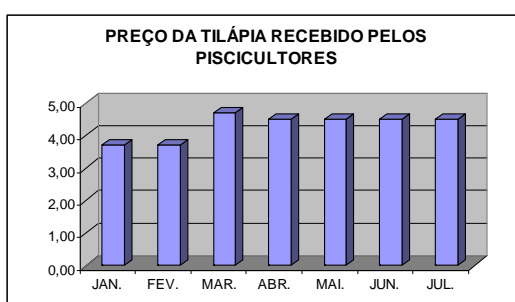
A carcinicultura é uma atividade que pode ser utilizada em consórcio com a criação de peixes, principalmente tilápias.

MERCADO

O preço da carne de peixes, como acontece em anos anteriores, nesta mesma época, começa a volta a sofrer uma pequena queda. O preço da carne de peixe recebido pelos produtores foi o seguinte: o peixe vivo de Tilápia ficou de R\$ 4,00 a R\$ 5,00/kg e o filé, em torno de R\$ 15,00/kg. Outras espécies de peixe vivo, como o Matrinchã, Pacu e Tambaqui, tiveram os preços cotados de R\$ 5,00 a R\$ 6,00/kg A truta foi comercializada de R\$ 7,00 a R\$ 9,50/kg. Para as espécies de peixes considerados nobres, como o Surubim e o Dourado, o preço variou entre R\$ 8,00 e R\$ 11,00/kg vivo.

TENDÊNCIA

A tendência é que os preços se mantenham no patamar atual, com o respectivo valor de mercado.



PREÇOS RECEBIDOS PELOS AGRICULTORES

Produto	Unidade	Média
Milho	sc 60 kg	19,24
Soja	sc 60 kg	44,64
Feijão Carioca	sc 60 kg	84,38
Feijão Preto	sc 60 kg	87,44
Café Arábica, Bebida Dura, Tipo 06	cx 60 kg	240,82
Banana Prata	cx 18 kg	17,51
Banana Nanica	cx 18 kg	14,30
Bezerro desmamado Nelore	ud	511,36
Bezerra desmamada Nelore	ud	443,51
Bezerro desmamado Mestiço	ud	428,15
Bezerra desmamada Mestiça	ud	371,58
Vaca Gorda para Abate – Consumo Interno	arroba	65,74
Boi Gordo para Abate – Consumo Interno	arroba	69,15
Boi Gordo para Abate – Tipo exportação	arroba	76,03
Bovinocultura: Leite Resfriado	L	0,67
Caprinocultura: Carne (Peso Vivo)	kg	4,80
Caprinocultura:: Leite	L	2,30

PREÇOS MAIS COMUNS NA CEASAMINAS BH

Produto	Unidade	Preço (R\$)	Produto	Unidade	Preço (R\$)
Abacate	20 kg	20,00	Laranja	20 kg	12,00
Abacaxi	dz	25,00	Limão Tahiti	20 kg	15,00
Abobrinha-italiana	18 kg	20,00	Maçã	18 kg	32,00
Abobrinha-menina	18 kg	12,00	Mamão Formosa	18 kg	18,00
Abóbora Moganga	15 kg	10,00	Mamão Havaí	8 kg	13,00
Alface	dz	5,00	Mandioca	22 kg	12,00
Alho brasileiro	10 kg	65,00	Mandioquinha	22 kg	27,00
Banana Nanica	18 kg	18,00	Manga	6 kg	9,00
Banana Prata	18 kg	20,00	Maracujá	14 kg	32,00
Batata	50 kg	55,00	Melancia	kg	0,65
Batata-doce	22 kg	23,00	Melão	13 kg	22,00
Berinjela	12 kg	10,00	Milho Verde	25 kg	17,00
Beterraba	22 kg	13,00	Moranga	25 kg	12,00
Brócolo	dz	18,00	Morango	1,5 kg	5,00
Cebola	20 kg	18,00	Ovo de granja	30 dz	38,00
Cenoura	22 kg	17,00	Pepino	21 kg	13,00
Chuchu	22 kg	8,00	Pera	20 kg	55,00
Coco verde	dz	9,00	Pimentão	10 kg	15,00
Couve	dz	4,00	Quiabo	14 kg	10,00
Couve-flor	06 unid.	10,00	Repolho	25 kg	7,00
Espinafre	dz	15,00	Tangerina Ponkan	15 kg	11,00
Goiaba	2,5 kg	15,00	Tomate	22 kg	22,00
Inhame	20 kg	13,00	Uva Itália	6 kg	18,00
Jiló	16 kg	10,00	Vagem	13 kg	20,00

*Preços referentes ao dia 03.08.2009.
Fonte: Ceasaminas - Elaboração: Ciagro/Asmec/Emater-MG*